

25.^o FESTIVAL RTP DA CANÇÃO

Texto: Luisa Leitão
Fotos: Jorge Jacinto

Desde o início rodeados de forte favoritismo, os Da Vinci acabariam por se tornar vencedores do 25.º Festival RTP da Canção com alguma naturalidade.

O largo consenso expresso em dezoito pontuações máximas deram-lhes legitimidade para numa primeira reacção afirmarem: «É uma vitória de Portugal». Mesmo no meio dos abraços e da euforia, os Da Vinci reencontraram, a espaços, o tom sereno para explicar à «TV Guia» as razões por que atribuem esta vitória a todo o país.



DA VINCI

«O público compreendeu a nossa aposta»



Aliado ao próprio espírito de conquista da sua proposta para o Festival da Canção, os Da Vinci souberam construir a fórmula adequada para a tornar no que definem como uma canção apelativa. O público compreendeu, disseram, o sentido da nossa aposta. Tínhamos dito, desde o princípio, que este festival não tinha grande importância em termos nacionais, mas ganhá-lo significa agora levar ao Eurofestival uma canção que, apesar da língua, consegue reunir atrativos para agradar ao público internacional.

E isso, sim, é importante para nós, pois temo-nos preocupado muito, ao longo destes anos, em fazer arranjos modernos e ter uma produção que se enquadre ao nível

da Europa, onde, Portugal tem francas hipóteses de competir.

Estamos a arrancar e esta vitória é uma expressão disso. Por outro lado, é uma conquista motivada por esses intermediários que são as discográficas e a Comunicação Social, os trunfos do mercado europeu.

Surgidos em 1982, os Da Vinci, Iei-Or e Pedro Luís, atingiram logo nesse ano êxito notável com o single *Hiroxima Meu Amor* (Disco de Prata) que se seguiu ao single de apresentação do duo, *Lisboa Ano 10 000*. Xau Xau de Xangai e Caminhando, um ano depois, mostravam que os Da Vinci não só tinham aparecido na cena musical para ficar, mas definiam, também, em que direcção pretendiam seguir.

Passados seis anos, com um LP ainda fresco nas bancas (*A Jóia de Lótus*), incluindo dez temas inéditos de sua autoria, os Da Vinci surgem algo inesperadamente no Festival da Canção, procurando apenas, o trilho de um caminho que está traçado.

A ideia partiu da nossa editora (Discos-sete), que nos meteu na competição, escolheu a canção e, depois, nos deu toda a força para a defendermos da melhor maneira que soubemos. Escolhemos o visual e todo o arranjo coreográfico, empenhando nisto tudo o que pensamos serem os nossos objectivos musicais, e os portugueses perceberam a intencionalidade.

É desta forma que os Da Vinci vêem no passaporte para Lausana, onde se vai realizar o Festival da Eurovisão no próximo dia 6 de Maio, não simplesmente a vitória pessoal mas a vitória de um País que clama por propostas novas.

Pensamos que esta escolha dentre um lote de boas canções, cada uma com valor no seu género, está muito relacionada com o conhecimento que o público tem do nosso trabalho. Temos feito muitos espectáculos por todo o País e tem havido sempre uma grande comunicação com o público. Ele é, sem dúvida, o motor desta



vitória, como vai continuar a ser o motor da nossa carreira, que só existe em função dele.

Assumindo-se num lugar muito próprio na cena musical portuguesa, com uma produção assente no espectáculo ao vivo, os Da Vinci defendem os seus objectivos musicais em várias frentes.

Têm-nos integrado na área do «pop-rock» com tendência acentuada do «rock», sem sermos propriamente um grupo «rock», pois abranjamos franjas mais vastas de público. Temos, por outro lado, canções que visam outros caminhos, com influências de música latino-americana e «rock» sinfónico, por exemplo. Caminhos acima de tudo diferentes e modernos para uma música actual que em Português soe bem para qualquer cidadão do mundo.

O mesmo critério, aliás, que animou a criação de *Conquistador*. O poema de Pedro Luís surgiu a partir de uma ideia de Iei-Or, sugestão dada pelo programa de José Hermano Saraiva, *A Grande Aventura*, e pelas comemorações dos Descobrimentos portugueses: *Quisemos fazer um poema que evocasse de alguma forma a expansão portuguesa*.

Ricardo fez a música no ritmo certo e a mistura de elementos foi o mais fácil. A orquestração de Luís Duarte teria o papel decisivo no produto final, bem como, naturalmente, a interpretação, que também lhes valeu no Festival o prémio atribuído por votos dos jornalistas presentes. Muito auto-suficientes, como se classificam em tom brincalhão, tendo em conta que também os fatos foram desenhados por Iei-Or.

Dora e Sandra Fidalgo (duas jovens de origem africana nascidas no Porto filhas do antigo jogador do Benfica e do Belenenses, Yaúca), ajudaram a completar um grupo que promete aos portugueses dar nas vistas na Eurovisão. Se não der, não será decerto, por falta de convicção. Iei e Pedro Luís têm um filho de cinco anos, o Romeu, a quem Iei certamente dedicou a vitória quando, ao conseguir fugir dos abraços do palco, entrou no camarim e gritou: *Eu quero o meu filho! abraçando-se a ele e beijando-o comovida*.



Iei-Or e Pedro Luís, o núcleo dos Da Vinci; são casados e certamente dedicaram ao filho, Romeu, a sua vitória

Reacções

Os momentos que se seguem à votação do Festival são sempre carregados de emoções. E se os

vencedores podem rejubilar, ao seu lado, os outros, os vencidos, cada um a seu modo, mitiga o desgosto com as suas pequenas vitórias. No 25.º Festival RTP da Canção a regra cumpriu-se. Dos cinco concorrentes, quatro ficaram de fora, a exibir reacções perante uma assistência pronta a dar a palmadinha de consolo. Sem lágrimas, supõe-se que o favoritismo que se foi concentrando nos vencedores Da Vinci e na canção de Marina Mota tenha atenuado decepções.

E mesmo Marina Mota, que disputou com a canção vencedora a primeira posição até aos 50 pontos, não chegou a tanto. *Acho que o tema que venceu é uma boa canção para viajar até à Suíça, disse, e só lhes posso desejar felicidades. O júri não quis que fosse eu e aceito, penso que escolheu bem*. Marina Mota admite, entretanto, retirar desta experiência suficiente incentivo para enveredar por uma carreira musical paralela à que desenvolve no Teatro.

Também os Eccos se deixaram agarrar pela motivação, ao invés do derrotismo, pois parte do objectivo que levavam para o Festival foi atingido, ou seja, o público deu-lhes o aval para prosseguirem. *Estamos satisfeitos com a nossa pontuação, afirmaram, pois foi a primeira vez que nos apresentámos em público. Ahamos que a escolha do júri é justa, a música é fortíssima, tem imenso impacto, e o País escolheu algo de que nós também gostamos*.

Uma opinião partilhada por José Alberto Reis, que considera *Conquistador* uma canção objectiva em que foi aplicada uma fórmula para o festival. *A meu ver, nem sempre as canções que vencem são as melhores. E, no entanto, uma canção de que eu gosto. Não estou contente com a minha pontuação, pois interpretei uma canção difícil, uma grande canção de um grande compositor*.

Finalmente, Lenita Gentil, por ordem de critérios, a mais penalizada pelo júri, denotava no final da votação um grande descontentamento. A aposta da sua editora tinha sido levar à Eurovisão uma música que tivesse algo com a nossa música popular: *É utopia levar uma canção moderna quando não temos estruturas para o mercado europeu*.

Outras reacções se foram espalhando pelo Teatro Garcia de Resende. Como a de Tonicha, que achou que foi muito bem ganho, ou de Simone, que confessou que já estava à espera que fossem os Da Vinci os vencedores: *São uma gente gira e tinham uma canção com todos os condimentos*.

Marie Myriam, uma voz vinda dessa Europa que tanto namoramos, é da mesma opinião: *Não tenho dúvidas de que «Conquistador» é a canção com melhor perfil europeu, uma música que se pode imaginar em inglês (para termo de comparação) que pode ser notada*.